RIOBALDO, O HOMEM DAS METAMORFOSES

Walnice Nogueira Galvão

Riobaldo, o protagonista de *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, fora no passado um renomado jagunço e chefe de bandos de jagunços, cuja fama, vinda de longa data, ficara pairando sobre uma vasta zona do sertão de Minas Gerais.

Mas Riobaldo, além de ser o protagonista, é também o narrador. Por isso, todo o romance assume a forma de um relato autobiográfico feito a uma pessoa, invisível e muda, que é quem provoca a narração. Anônima, essa pessoa, a que daremos o apelativo de Interlocutor, veio de fora do sertão, procurando por Riobaldo e disposto a extrair dele a história de sua vida. O depoimento que então se desenrola ata entre ambos os laços de uma interlocução monológica, em que o diálogo é apenas pressuposto e contido dentro do monólogo – iniciado e nunca fechado pelo primeiro sinal gráfico do texto, um travessão, indicativo de diálogo.

Como não podia deixar de ser, as diferenças culturais entre ambos são numerosas: um deles é um sertanejo tosco, o outro um cidadão cultivado. Mas tais diferenças mostram-se passíveis de amenização, à medida que se estabelece entre ambos uma certa cumplicidade, assen-

tada no interesse que o segundo demonstra em ouvir o que o primeiro tem a contar.

Empenhar-se na narração de sua vida significa para o protagonista atribuir-lhe um sentido mediante a organização em palavras de sua experiência, confusa e aparentemente aleatória, auxiliado por um parceiro compassivo, que lhe devota sua escuta e de quem espera a solidariedade através da compreensão.

Riobaldo de saída prende o leitor, mediante um velho recurso literário de foco narrativo: como é simultaneamente o protagonista do romance e o narrador, o leitor deve dar credibilidade sob palavra a tudo o que ele disser. E principalmente sobre si mesmo. Desse modo, é em Riobaldo que devemos confiar para apreendermos as linhas mestras que compõem o arcabouço do livro. O que nos habilita, em primeiro lugar, a entender a intriga, bastante emaranhada. Em segundo lugar, a travar conhecimento com as demais personagens, das quais só sabemos através de sua voz. Em terceiro lugar, e sobretudo, para saber quem ele próprio é. Com ele estabelecemos, enquanto leitores – mesmo sabendo que se trata de um romance, portanto de história inventada –, um pacto sob palavra. Isto posto, podemos começar a leitura.

A GÊNESE DA NARRAÇÃO: O INTERLOCUTOR

Riobaldo não é um narrador direto ou fluente: demora muito a entabular sua verdadeira história; é manhoso e tergiversador; tenta enganar o Interlocutor. Boa parte do livro decorre antes que se resolva a abrir o jogo. Mas, enquanto isso, vai expondo ao leitor sua personalidade atual – a que assume depois de velho, ao se retirar das lides anteriores. Essa é sua face final, definitiva; mas é um ponto de chegada, já que ele teve, como veremos, outras faces anteriores. O romance começa pelo fim, quando toda a história já se passou e Riobaldo vive de reminiscências.

Entretanto, o leitor só vai ficar ciente da situação que se arma como origem da narração mediante um processo cumulativo, que aos poucos vai-se decifrando em meio ao cunho caótico das primeiras páginas, e que pode ser descrita como segue. Veio da cidade uma personagem a que chamaremos Interlocutor, pois ele não tem nome, procurando por um renomado chefe de jagunços de que ouvira falar, a quem quer conhecer para entrevistá-lo e indagar de seu passado, suas batalhas, as peripécias em que tomara parte, de onde viera, quem tinham sido seus pais; enfim, como vivera sua vida. O Interlocutor é então quem instiga a narração, e ela se faz em sua intenção, em resposta às múltiplas inquirições e dúvidas que vai levantando, para precisar melhor certos passos ainda vagos do enredo.

Desse modo, poderíamos dizer que, embora demore a se configurar, o Interlocutor poderia ser compreendido como a primeira personagem a ser delineada por Riobaldo. Quem é ele? Não é um sertanejo como Riobaldo, fica logo claro. Chegou de longe, da cidade, de jipe. Veio para conhecê-lo e para estimulá-lo a falar de suas experiências. Usa óculos, tem o título de doutor e toma notas numa caderneta, incessantemente.

Como é que ficamos sabendo de tudo isso? Pela voz de Riobaldo, que dirige ao Interlocutor esses comentários sobre uso de óculos, título de doutor, anotações feitas na caderneta. Como todo o romance é constituído por *uma fala só*, emitida por Riobaldo, tudo o que acontece é decretado por essa fala. Assim, o leitor encontra a cada passo interrogações de esclarecimento endereçadas por Riobaldo ao Interlocutor, pressupondo que este tenha feito alguma pergunta, exigindo uma confirmação ou o dirimir de uma dúvida.

Tudo indica que João Guimarães Rosa tenha contrabandeado um simulacro seu para dentro do livro. E isso porque muitas vezes se colocou na posição de ouvinte de um narrador sertanejo, cujo relato provocou. Ele mesmo era oriundo da vila de Cordisburgo, no sul do sertão de Minas Gerais, onde seu pai, Florduardo Rosa (de nome eminente-

mente rosiano), era dono de uma venda que ainda hoje lá está, preservada como museu. Todavia, o escritor partiria para a cidade, primeiro para São João del Rei e em seguida para Belo Horizonte, em função de seus estudos secundários e depois superiores, em medicina. E mais tarde, ao ingressar na carreira diplomática, passaria a viver no exterior; e só na última fase de sua vida moraria no Rio de Janeiro.

Portanto, tendo a certa altura atinado com o rico veio entre o histórico e o fabuloso que seria a fonte de sua obra – as sagas do sertão –, para ali voltou inúmeras vezes, acompanhando boiadas, internando-se pelas terras mineiras, interrogando as pessoas, registrando as histórias que ouvia e as peculiaridades da linguagem. Suas cadernetas de anotação se tornaram reputadas, e algumas delas estão preservadas em seu acervo, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo. Quando viajava a cavalo, a indefectível caderneta ia pendurada por um barbante ao pescoço, para deixar livres as mãos que seguravam as rédeas. Ademais, sim, usava óculos e era doutor.

FAZENDEIRO E APAZIGUADO

Esse que começa a narração esporeado pelo ouvinte que vem de longe para conhecê-lo e que aqui chamamos Interlocutor – a quem recebe e hospeda em sua fazenda, impondo a regra de hospitalidade sertaneja de um pouso mínimo de três dias – é um fazendeiro deitado numa rede na varanda da sede, fazendo as honras da casa. As palavras que abrem a narração já criam a expectativa da matéria a ser narrada, comentando estampidos não indicativos de guerra: "– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja".[1]

[1] João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963), p. 9.

O fazende
de, casado com uma m
herança do pai, Selo
possuíra. Riobaldo e
Bigrí. Ao tornar-se ó
nhecera e assumia o
criá-lo e dar-lhe educ
na verdade seu pai.
nunca mais voltar e
to, ao morrer, o pai l
assim o pobre bastar
com quem já estava
tempos da jagunça
pertencente aos pai
A face
vida, proprietário
suas terras e portar
conforme o sistema
Sobrev
passou a dedicar-se
as determinantes
necessidade em se
quais teriam sido
que, antes de pass
o que vivera, send
como se verificará
Por is
digressões entrem
sempre à vista. A
que não fala à to
os enigmas de su

O fazendeiro, que recebe com largueza, é, sabe-se mais tarde, casado com uma mulher por nome Otacília. A fazenda coube-lhe em herança do pai, Selorico Mendes, sendo a maior das três que o velho possuíra. Riobaldo era bastardo, filho de uma pobre mulher chamada Bigrí. Ao tornar-se órfão de mãe ainda criança, o pai, que não o reconhecera e assumia o papel de padrinho, dele se encarrega para acabar de criá-lo e dar-lhe educação. Ao saber mais tarde que Selorico Mendes era na verdade seu pai, Riobaldo, traumatizado pela revelação, foge para nunca mais voltar e dessa maneira acaba caindo no cangaço. Entretanto, ao morrer, o pai lhe deixa a fazenda de criação de gado em herança. E assim o pobre bastardo se torna um proprietário e se casa com Otacília, com quem já estava comprometido desde que a conhecera ainda nos tempos da jagunçagem, na fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, pertencente aos pais dela.

A face final do protagonista é esta, de homem assentado na vida, proprietário com muitos agregados e dependentes, moradores de suas terras e portanto seus homens também em armas se preciso fosse, conforme o sistema sertanejo, e bem casado.

Sobrevindo a aposentadoria e a vida mais mansa, Riobaldo passou a dedicar-se a remoer seu passado, tentando entender quais seriam as determinantes de certas decisões, que peso poderiam ter o acaso ou a necessidade em seu percurso, e, sempre dentro de um horizonte sertanejo, quais teriam sido nesse evoluir os papéis de Deus e do Diabo. Deixa claro que, antes de passar à inatividade, não tivera tempo para refletir sobre o que vivera, sendo invariavelmente jogado de um lado para outro; o que, como se verificará, não era exagero de retórica.

Por isso divaga muito no início da narração, e se entrega a digressões entremeadas de *causos* portentosos em que o sobrenatural está sempre à vista. A tal ponto que, a certa altura, previne o Interlocutor de que não fala à toa, mas que pretende recorrer a seu saber para esclarecer os enigmas de sua vida pregressa: "Conto ao senhor é o que eu sei e o

senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba".[2]

Os numerosos casos, apólogos ou parábolas, que Riobaldo conta ao Interlocutor neste início da narrativa, vão compondo os traços desta face definitiva: a de um homem que, apesar de uma vida trepidante, inclusive bélica, afinal se revela um espírito contemplativo, inquisidor, reflexivo e atento aos mistérios do mundo – coisa que pouco se poderia esperar de um guerreiro:

> De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia.[3]

Tais casos ilustram episódios de um universo dividido entre o bem e o mal, em luta cósmica entre Deus e o Diabo, sendo obscura a linha que passa entre os dois domínios, quando o trunfo disputado é a alma humana. Um menino nasce mau; para corrigi-lo, os pais o castigam; ao castigá-lo, tomam gosto no sofrimento do menino; tornam-se maus e passam a castigá-lo por maldade. Ou então um pai era mau e mata gratuitamente um mendigo; seus quatro filhos pegam sarampo e ficam cegos; devia ser castigo de Deus; mas, então, que maldade tinham cometido as inocentes crianças? E assim por diante. O mal parece estar em toda parte, nas cobras, nas aves de rapina, até nas pedras que se diz envenenarem as águas e que têm o Diabo dentro.

Riobaldo pergunta ao Interlocutor se ele acredita no Diabo como uma entidade independente, desincorporado do interior das pessoas, e fica aliviado ante a resposta negativa. Concorda com ela. Mas retoma a excogitação e a exploração conjectural de várias hipóteses. Por

[2] *Ibid.*, p. 217.
[3] *Ibid.*, p. 11.

exemplo, a de seu compadre Quelemém, que era espírita kardecista e que para tudo encontrava explicação em anteriores encarnações. Adianta acatar todas as religiões, e acreditar um tantinho em todas elas, sejam católicas, espíritas, até protestantes ou ministradas pelas rezadeiras da região. Tudo que possa aliviar as aflições da alma e da mente, inerentes ao homem.

É assim, com essas ansiosas perquirições, que Riobaldo vai aos poucos pedindo a ajuda do Interlocutor para esclarecer questões e para ser parceiro na empresa de constituição de um relato de sua vida. Por ser sua própria vida, não dispõe do distanciamento necessário para uma visão objetiva: "Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos, servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho".[4]

Por outro lado, a matéria de que trata é sua com exclusividade, e disso se jacta ao Interlocutor: "Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido".[5] Mas este pode lançar mão de outros saberes para ajudá-lo à medida que ambos, conjuntamente, vão concretizando um texto biográfico, que cada um dos dois seria incapaz de levar a cabo separadamente. É do atrito das duas personagens, tal como aparece unilateralmente na fala ininterrupta de Riobaldo, que toda a narrativa se institui enquanto texto.

A LINGUAGEM E O ESPAÇO DE RIOBALDO

Sem querer insistir na coesão e solidariedade de todos os elementos, característica deste romance, temos aqui dois deles que constituem um bom exemplo.

---

[4] *Ibid.*, pp. 205-206.

[5] *Ibid.*, p. 50.

Riobaldo é feito de palavras que ele mesmo profere. A narrativa, portanto, é uma *fala*. Por isso, ela exige uma linguagem que atenda à caracterização do protagonista enquanto sertanejo. A ligação entre linguagem e espaço aparece como necessária, dado que ela busca integrar o espaço onde se passam as peripécias do romance, e esse espaço é o sertão.

Quanto ao discurso do protagonista, como seria de esperar tratando-se de uma fala, é carregado de marcas da oralidade: hesita, interroga, exclama, emprega interjeições, e insiste em dirigir-se cerimoniosamente a *o senhor* na pessoa do Interlocutor. Mas a linguagem de que Riobaldo se vale é mais do que isso, e por ela seu criador é único na literatura brasileira.

Guimarães Rosa foi buscar a linguagem de que Riobaldo se utiliza no sertão. É de lá que vêm os torneios, os regionalismos e os arcaísmos recuperados. Como se sabe, a língua se conserva melhor longe dos centros urbanos, onde o isolamento a protege das inovações trazidas pelas correntes migratórias, pelo jargão da imprensa e pela gíria. Os dois traços básicos da linguagem empregada por Riobaldo são, por isso, os regionalismos e os arcaísmos.

Mas não só, o que seria demasiado simples para um escritor tão requintado. Nem tudo o que seu protagonista profere é preexistente na língua portuguesa do Brasil: boa parte do vocabulário é constituído por neologismos. Saídos da oficina verbal do autor, dão brilho e graça à fala de Riobaldo. Com freqüência, tais termos recém-cunhados, ou torneios sintáticos, provêm de línguas estrangeiras, nas quais Guimarães Rosa era versado, destacando-se por seus dotes de poliglota. E, mais ainda, amalgamados aos regionalismos e arcaísmos, que já produzem um efeito de estranhamento, mal se distinguem daqueles, sendo, em muitos casos, difícil de decidir se estamos diante de uns ou de outros. Um exemplo: quando o protagonista diz que uma certa personagem *perequitava*, está empregando o regionalismo "periquitava", com alteração de uma letra, ou seja, andava de um lado

para outro como
qual existe o ver
Com
compreende as
paço do interior
espaço dissemina
Em
mente dito, insta
gerou o narrador
determinador, a q
perspectiva – a d
torna mais do q
perímetro, adqui
como o espaço o
coragem, mas tam
A fala de Riobald
ciosas a propósit
Sertã
fortemente carac
de limites:

O sert
sertão
terras
Curv
sertão
torar d
minos

[6] *Ibid.*, p. 9.

para outro como um periquito, ou um neologismo derivado do latim, no qual existe o verbo "*perequitare*", que significa perambular a cavalo?

Como a história que Riobaldo está contando ao Interlocutor compreende as legendárias façanhas da jagunçagem, e esta se dá no espaço do interior brasileiro chamado sertão, vamos encontrar sinais desse espaço disseminados pela linguagem.

Em primeiro lugar, as constantes alusões ao sertão propriamente dito, instauradas desde o título do livro. O sertão é o espaço que gerou o narrador e a vida que levou. Comparece, portanto, com peso determinador, a que Riobaldo atribui qualidades positivas e negativas. Dessa perspectiva – a de grande espaço fundante –, o sertão com freqüência se torna mais do que um lugar, uma topografia, um ponto geográfico, um perímetro, adquirindo uma espessura até metafísica. O sertão é postulado como o espaço onde o homem se submete a provações que testam sua coragem, mas também onde Deus e o Diabo disputam a posse das almas. A fala de Riobaldo é a todo momento pontilhada por observações sentenciosas a propósito do sertão.

Sertão como cenário geográfico onde a intriga se desenrola, fortemente caracterizado apesar de toda a sua indefinição e imprecisão de limites:

> O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.[6]

---

[6] *Ibid.*, p. 9.

Sertão como arena para a ferocidade entre os homens: "Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada".[7]

Sertão como lugar ainda carente da graça divina: "[...] sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!".[8]

Sertão, finalmente, como internalização das condições externas, de conflagração e violência: "Sertão? – é dentro da gente".[9]

Das várias formulações a respeito do sertão depreende-se progressivamente a importância simbólica que esse espaço vai adquirindo, como circunscrição das sagas guerreiras dos jagunços, como palco do dissídio cósmico entre Deus e o Diabo em que o trunfo é a alma humana, como antítese entre o seco e o úmido expressa no título do livro.

Em segundo lugar, mas em plano menos evidente, a fidelidade realista ao espaço mostra o sertão da pecuária, o que transparece na fala de Riobaldo de várias maneiras. O narrador tanto utiliza topônimos que indicam a ubiqüidade do gado, cuja presença batizou inúmeras localidades pela região afora (Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita, Currais-do-Padre, Bambual-do-Boi), quanto menciona os exemplares com que os jagunços vão deparando em sua errância. Ainda mais – e com toda a naturalidade, pois é o material que tem, por assim dizer, à mão –, emprega esses animais para criar metáforas com que delineia personalidades ou situações. Assim, os bandos de jagunços são comparados a manadas ou boiadas, coletivamente, enquanto os chefes individuais evocam símiles de bois ou de touros.

A força do peso da natureza sobre os seres humanos, fora da cidade e dos abrigos arquitetados pelo homem, faz-se presente. Os jagunços como que se encontram imersos no mundo natural. A linguagem de

[7] *Ibid.*, pp. 105-106.
[8] *Ibid.*, p. 20.
[9] *Ibid.*, p. 293.

Riobaldo se impreg
logo de fauna e flora
mo espécime pode
bichos e plantas à fal
de Riobaldo enquan
a de alguém que am

A traje
um espaço, que é
delimitada pelo nar
de alusões indiret
período propositad
que as sagas narrad
velas de cavalaria
tratavam da gesta
ça de Carlos Mag
donda. Tais fidal
conferissem renom
nho, embrenhand
encantados. O ob
incorria em riscos
cada um mas tamb
sente narrativa co
qual se delineiam
ressonâncias míti
fantástico e o mar

Mas
passado muitos só
cluir que a porção
dedicou à jagunça
correu nas três pr
mite datar os even
naquele tempo.

Riobaldo se impregna, pois, dessa presença e organiza um verdadeiro catálogo de fauna e flora, discutindo inclusive os diversos nomes que um mesmo espécime pode tomar conforme os pontos cardeais. A integração de bichos e plantas à fala serve para avançar mais um traço da caracterização de Riobaldo enquanto personagem: a de bom observador da exterioridade, a de alguém que ama as belezas da terra.

A trajetória de Riobaldo pela jagunçagem, assim como tem um espaço, que é o sertão, tem também uma época, a qual vai sendo delimitada pelo narrador, à medida que a narrativa prossegue. Através de alusões indiretas, avançadas com muita má vontade, recorta-se um período propositadamente vago e com limites esfumados, de tal modo qué as sagas narradas adquirem contornos legendários, lembrando as novelas de cavalaria da Idade Média. Estas obras da literatura medieval tratavam da gesta bélica de cavaleiros andantes, como os pares de França de Carlos Magno ou então os homens do rei Artur e da Távola Redonda. Tais fidalgos perambulavam à cata de aventuras que lhes conferissem renome, desafiando gigantes que defrontavam pelo caminho, embrenhando-se em florestas misteriosas, penetrando em castelos encantados. O objetivo final da busca em que se empenhavam e que incorria em riscos tremendos implicava não só a realização existencial de cada um mas também a salvação de sua alma. Tudo isso aparece na presente narrativa como um pano de fundo envolto em bruma, contra o qual se delineiam as aventuras de Riobaldo, adquirindo em decorrência ressonâncias míticas que vêm do fundo dos tempos, tempos em que o fantástico e o maravilhoso impregnavam a literatura.

Mas tudo isso se deu em outras eras, tendo desde então se passado muitos séculos. E, juntando todas as pistas, o leitor pode concluir que a porção principal da vida de Riobaldo, aquela em que ele se dedicou à jagunçagem e cuja crônica desenrola para o Interlocutor, decorreu nas três primeiras décadas do século passado, conclusão que permite datar os eventos narrados e fazer uma estimativa da idade do narrador naquele tempo.

MOMENTO INAUGURAL

A fala do protagonista, como se viu, inicialmente é vacilante, dada à desconversa. Apenas a persistência do Interlocutor vai forçando as comportas de tanta história sonegada, decorrente de um emaranhado de motivos que vão desde a perplexidade até um sentimento de culpa difuso, incluindo a responsabilidade pela morte de Diadorim ou o arrependimento pelo pacto com o Diabo. A todo momento, Riobaldo pede ao Interlocutor lenitivo para seus tormentos, solicitando-lhe que discuta com ele este tema: "O diabo existe e não existe?".[10]

Quer ser reassegurado: "Eu, pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus".[11]

E sabe resumir o ponto avançado a que chegou em suas ruminações metafísicas: "[...] o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum".[12]

Mas nem por isso deixa de se prevenir contra as manhas do Adversário: "O que não é Deus, é estado de demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo".[13]

Retomando: após digressões e volteios, tendo proferido quase sem querer certos nomes próprios significativos e discutido os *causos*, Riobaldo se dispõe a enfrentar o depoimento de sua história pessoal propriamente dita que lhe está sendo exigido pelo Interlocutor. E não começa pelo começo, mas sim pelo meio, como recomendam as normas da boa épica, gênero literário de que o romance é avatar contemporâneo, assim como a epopéia foi sua encarnação no passado. Segundo tais nor-

[10] *Ibid.*, p. 11.
[11] *Ibidem.*
[12] *Ibid.*, p. 12.
[13] *Ibid.*, p. 59.

mas, a narrativa
torvelinho dos a
trás, esmiuçand
aos poucos o pe
informação que

O p
teve na infância
período de doen
mãe, ainda viva,
le dia no peque
Francisco, que d
quando depara
Menino parecia
nhava o tio, cuj
do, pobre e que
convida para a
mas receando q
atravessam o gr
segura-lhe a mã
ragem. Carece d

Na
indecorosas de
amedrontado. s
posto na fala e
contestando, pa
espreitando as d

Em
mais eficaz, ao d

[14] *Ibid.*, p. 104.
[15] *Ibidem.*

mas, a narrativa, para envolver o leitor, deve atirá-lo logo de saída no torvelinho dos acontecimentos, para só depois andar para a frente e para trás, esmiuçando-os e atribuindo-lhes sentido. Cabe ao leitor recompor aos poucos o percurso de vida do protagonista, com os fragmentos de informação que vão sendo transmitidos ao Interlocutor.

O primeiro fato importante de sua vida foi o encontro que teve na infância com um Menino de olhos verdes. Convalescendo de um período de doença, o protagonista esmolava para pagar promessa que a mãe, ainda viva, fizera em intenção de sua saúde. Encontrava-se naquele dia no pequeno porto de um rio por nome de-Janeiro, afluente do São Francisco, que desempenha importante papel simbólico no romance. Eis quando depara com o Menino, que conversa francamente com ele. O Menino parecia provir de gente de posses, estava bem-vestido e acompanhava o tio, cuja fazenda, conforme dizia, dava de tudo. Riobaldo, vexado, pobre e quase andrajoso, esconde a sacola de esmolar. O Menino o convida para atravessar o rio numa canoa, ao que Riobaldo aquiesce, mas receando o turbilhão das águas, sobretudo no momento em que atravessam o grande São Francisco. O Menino, ao perceber seu temor, segura-lhe a mão. Sendo de poucas palavras, diz-lhe: "Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...".[14]

Na outra margem, os dois adolescentes recebem propostas indecorosas de um tipo que sai do meio do mato. Riobaldo, outra vez amedrontado, se apressa em desmentir o "figurado indecente" pressuposto na fala e nos gestos do outro: "E, por aí, eu consegui falar alto, contestando, que não estávamos fazendo sujice nenhuma, estávamos era espreitando as distâncias do rio e o parado das coisas".[15]

Entretanto, o Menino, encurtando as desculpas, reage de modo mais eficaz, ao desferir uma facada na coxa do aliciador, que foge.

---

[14] *Ibid.*, p. 104.

[15] *Ibidem.*

Riobaldo, que mais tarde verá nesse encontro fortuito o momento inaugural de seu destino, dele retém a lição de bravura, dupla aliás: não temer as forças da natureza, nem as do homem. E notou a influência do pai sobre o Menino, o qual, além de considerá-lo o homem mais valente do mundo, dele recebera a recomendação de nunca ter medo e ser diferente de todos. Aprende ainda com o Menino a fruir da contemplação das flores e dos pássaros:

> Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – "As flores..." – ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; [...] Um pássaro cantou. Nhambu? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós.[16]

Essa, que é uma das grandes cenas do romance, é narrada com toda a minúcia e sensibilidade por Riobaldo, que, tanto tempo depois, na velhice, ainda é capaz de rememorar – e disso se gaba – cada passarinho que sobrevoou, cada talo de capim que avistou e a cor contrastante das águas dos dois rios ao se fundirem. Decisiva para o desenrolar do enredo, a cena tem o cunho de um rito de passagem. Além de implicar uma *travessia perigosa*, gesto carregado de conotações simbólicas e velho topos literário, forja um encontro irrevogável e deixa uma lição: a lição da coragem, dada pelo exemplo do Menino, coragem que se exerce seja ante as forças da natureza, seja ante a hostilidade dos seres humanos.

INTERREGNO PATERNO

É logo após a orfandade de Riobaldo que o padrinho Selorico Mendes o recolhe. As condições de vida do protagonista sofrem uma

[16] *Ibid.*, p. 100.

guinada, transitando de uma classe para outra: até então fora membro anônimo da plebe rural, agora passará a integrar o seleto grupo dos proprietários. O cotidiano muda radicalmente. Além de ser hóspede do dono de uma boa fazenda de gado, começará a receber educação formal, por alvitre do anfitrião. Para tanto, transfere-se para uma localidade próxima, Curralinho, onde Mestre Lucas lhe ensina as primeiras letras, as quatro operações e um pouco de conhecimentos gerais – isso quando ainda se incutia o saber a palmatória. Riobaldo sai-se bem, a ponto de ser nomeado assistente, encarregado de repassar a aprendizagem para os alunos mais atrasados. E extrairá de Mestre Lucas a observação de que poderia dar um bom professor.

Por volta dessa época, o protagonista tem seu primeiro contacto com um bando de jagunços, que chega e arrancha na fazenda de Selorico Mendes. O padrinho de Riobaldo, além de coiteiro, era admirador de valentões, não se cansando de cantar em verso e prosa a gesta dos jagunços, bem como de se vangloriar dos laços que entretinha com muitos deles. O protagonista, ainda garoto ou no máximo adolescente, ficou deslumbrado. O bando era nada menos que aquele capitaneado por Joca Ramiro, o mais ilustre chefe de jagunços de então; Riobaldo fica boquiaberto ante o magnetismo de sua presença. Trava conhecimento igualmente com os dois lugar-tenentes do chefe, Ricardão e Hermógenes, ante este último reagindo com desagrado, cismando com algo indefinido. Ambos, como se verá, influirão em sua trajetória futura, por outras razões.

É depois dessas duas experiências marcantes e definidoras de seu destino, ocorridas enquanto morava na fazenda de Selorico Mendes – o aprendizado das letras e a iniciação à jagunçagem –, que Riobaldo foge, tomado de desgosto ao saber por acaso que o padrinho era na verdade seu pai. Não será a última vez que, indeciso como sempre e tendo sua vontade comandada por outrem, recorrerá à fuga. Jamais reveria o pai.

Seu destino de jagunço-letrado está sendo tramado, combinação da qual decorre em larga medida a verossimilhança de uma

prospecção tão aguda do movimento psicológico e social da vida, afora a capacidade de comunicá-la em discurso requintado.

Apelando para Mestre Lucas no Curralinho, este lhe arranja um emprego de professor numa fazenda próxima; e é assim que outro acaso, emendando-se aos anteriores, vai tramando a urdidura do destino de Riobaldo.

Zé Bebelo

Para seu espanto, quando pressupunha ensinar aos filhos de algum fazendeiro, o próprio fazendeiro seria o aluno. E este era Zé Bebelo, de enorme influência em sua vida, cujos caminhos se cruzariam e descruzariam várias vezes com os seus, e que até na velhice continuaria seu amigo. Segundo o narrador, o homem mais inteligente que conhecera.

A propriedade a que chegara se encontrava em pé de guerra, fervilhando com centenas de homens, além de cavalos e burros de carga, armas e munições. Estava em gestação algum empreendimento de monta.

Zé Bebelo, afora as aulas que recebia – em pouco tempo, tal a aptidão de sua mente e a capacidade de estudar noite adentro, se apropriaria de tudo o que o professor sabia –, dedica-se a outras atividades: queria acabar com a jagunçagem. Ou seja, pretendia civilizar o sertão, eliminando os bandos armados a serviço de senhores particulares em permanente guerra de todos contra todos, extinguindo a conflagração que dilacerava o sertão, impondo a lei sem abrir exceção a ninguém. Para tanto, contava com o auxílio do governo em dinheiro, armamento e mesmo alguns soldados que lá se achavam. Também alimentava outras intenções; sua maior ambição era, futuramente, após ter pacificado o sertão, eleger-se deputado. Findos os preparativos, as hostes de Zé Bebelo levantam acampamento, e nunca aquelas redondezas tinham visto forças tão formidáveis. Riobaldo vai junto, nas funções de secretário não combatente.

A pers
narrativa, uma ve
o esforço de cen
cal, alicerçado na
nomia aos esta
ocuparia todo o
golpe de 1930. Es
so histórico: de
outro lado os ban
Bebelo fala tant
primado da dem
princípio arcaic

Riba
Joca Ramiro, a q
uma vez, foge: de
fugir se enreda a
algo, mas em dire
como a sua sina.

Na jagunçagem

Vaga
onde se acham a
contrando o Me
para sempre – a
fortuito quanto
da travessia do S
que reconhece
ressalta seu cun
bre acaso e fata

A personagem de Zé Bebelo é de importância crucial para a narrativa, uma vez que enfeixa os atributos de uma tendência histórica: o esforço de centralização realizado pela União para cercear o poder local, alicerçado na federalização trazida pela República ao conceder autonomia aos estados. A retomada das rédeas do poder assim fragmentado ocuparia todo o período da República Velha e só se encerraria com o golpe de 1930. Estamos assistindo, nessa saga de jagunços, a esse processo histórico: de um lado Zé Bebelo representando o poder central e do outro lado os bandos privados representando o poder local. Por isso Zé Bebelo fala tanto em lei e eleições, em educação e progresso, ou seja, no primado da democracia: ele é o arauto da modernidade, a combater o princípio arcaico da oligarquia e do coronelismo.

Riobaldo logo se inteira de que os inimigos são chefiados por Joca Ramiro, a quem tanto admirava. E, desgostoso com a guerra, mais uma vez, foge: desvia o cavalo e sai ao léu pelo sertão. E, outra vez, ao fugir se enreda ainda mais em seu destino, como se escapasse não de algo, mas em direção a algo, imantado por um alvo que afinal se revelaria como a sua sina.

NA JAGUNÇAGEM

Vagando pelo sertão, Riobaldo termina por pousar numa casa onde se acham alguns jagunços. Entre eles, sem o pressentir, acaba reencontrando o Menino, agora adulto. Suas vidas permanecerão entremeadas para sempre – até que a morte os separe. Este segundo encontro, tão fortuito quanto o primeiro, mas que fora preparado pelo outro quando da travessia do São Francisco, é um grande momento na vida de Riobaldo, que reconhece não mais poder fugir ao destino. Ao narrar o episódio, ressalta seu cunho decisivo e aproveita para expender considerações sobre acaso e fatalidade:

> Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê. Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir relembrado e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante.[17]

Anexado ao bando, que integrava as hostes de Joca Ramiro, segue viagem, agora na qualidade de adversário de Zé Bebelo, o qual tencionava liqüidá-los a todos. O Menino lhe confia seu nome, que é Reinaldo, assinalando que os nomes de ambos formam um par, isto é, rimam. A observação alegra Riobaldo e entristece o Menino, o que Riobaldo percebe mas acha enigmático. Outras notas virão. Reinaldo tem uma capanga onde guarda objetos de toalete, como tesoura, pincel, navalha, pente e espelho. Empresta-a a Riobaldo para que se arrume. Depois viria a brindá-lo com réplicas desses objetos, de tempos em tempos complementados por camisas, lenços, meias. Com isso, vai-lhe dando lições de civilidade e criando em Riobaldo o hábito, que manterá até à velhice, de ser um homem limpo e tratado. Tudo por exemplo pessoal e estímulo de Reinaldo, o qual, todavia, só toma banho sozinho e no escuro da madrugada.

Na narração, Riobaldo comenta longamente com o Interlocutor, e é algo que se tornará uma espécie de refrão que vai e volta ao longo do romance, a atração funesta que nutre por Reinaldo: como é que um homem valente, um jagunço, poderia desejar outro homem? Riobaldo, vale lembrar, tinha queda natural para o devaneio e a introspecção. Mais tarde, Reinaldo confidencia que usava um nome de guerra: seu verdadeiro nome é Diadorim, sobre o qual pede segredo, encarecendo que assim o chame apenas quando estiverem a sós.

Ao término da viagem, o bando acaba chegando ao acampamento do lugar-tenente de Joca Ramiro, Hermógenes: antevisão do in-

[17] *Ibid.*, p. 133.

ferno, cheio dos mais perversos facínoras do sertão, havendo até gente que afiava os dentes a faca. Pois foi ali que, se alguém duvidasse da hombridade de Diadorim, perderia a dúvida para sempre.

Dois energúmenos insinuam que Diadorim é delicado demais. Com a velocidade do raio, Diadorim derruba um deles de costas no chão e lhe pousa o bico do punhal no pomo-de-adão; em seguida, manda-o levantar-se para o duelo. O adversário se esquiva e declara reconhecer que Reinaldo é homem. O outro, coberto pela mira do revólver que Riobaldo sacou, também desiste. Mas, feliz coincidência ou não, ambos tombarão no primeiro combate a sobrevir.

Assim vai sendo delineada uma personagem-chave, envolta em mistério e objeto de revelações parciais que aos poucos compõem um caráter. Esse mistério, a que o narrador alude inúmeras vezes – resumindo-o como "Diadorim é a minha neblina"[18] –, só será desvendado no término da narrativa.

O JULGAMENTO

Prosseguindo a conflagração, após várias refregas entre as duas facções, Zé Bebelo cai prisioneiro e, antes que o supliciem e executem como de praxe, brada que exige um julgamento. Joca Ramiro aquiesce.

E aí se dá algo inédito: um julgamento formal, consoante todas as regras, no meio do sertão. Zé Bebelo confirma a reputação de ser fora do comum. Ao se ver diante de Joca Ramiro, rendido e a pé quando aquele o interpelava do alto de sua montaria, já protestara ser seu igual. Agora, a cabroeira toda em vias de apear-se, alguém coloca no chão e oferece a Joca Ramiro um tripé com assento de couro. Mais que depressa, Zé Bebelo, as mãos sempre amarradas, ocupa o assento e deixa o

---

[18] *Ibid.*, p. 25.

grande chefe, bem como todos os outros, de pé. E ainda diz aos demais que se abanquem também – mas onde? Joca Ramiro não lhe fica atrás, e rápido se senta no chão, defronte do adversário. O que este faz, então? Num átimo, levanta-se, chuta o banquinho e se senta igualmente no chão. A malta ali congregada começa a saborear a finura do jogo de poder a que está assistindo.

Durante o julgamento, após várias intervenções, nenhuma das quais muito claras ou decisivas, tomarão a palavra Hermógenes, como acusador, e Riobaldo, como defensor. Depois, Joca Ramiro passa a palavra ao réu, que faz uma longa defesa – já se sublinhara sua facúndia e inteligência –, começando por sua árvore genealógica, para reafirmar sua condição de par dos chefes. Reitera sua posição de guerreiro enfrentando guerreiros; pede os votos de todos para quando se candidatar a deputado; elogia o grau de civilização dos adversários, que em vez de execução sumária o submetem a julgamento; enfatiza a bravura deles; e devagar encaminha sua peroração para um pedido de banimento, sob palavra.

Joca Ramiro com toda a cerimônia enuncia a sentença, que é aquela reivindicada pelo réu. A garantia de vida dada pelo comandante-em-chefe a Zé Bebelo mediante a concessão do banimento desagrada a Hermógenes e Ricardão, o que tanto Diadorim quanto Riobaldo percebem:

> [...] eu tinha estalando nos meus olhos a lembrança do Hermógenes, na hora do julgamento. De como primeiro ele, soturno, não se sobressaía, só escancarava muito as pernas, facãozão na mão; mas depois ficou artimanhado, com uma tristeza fechada aos cantos, como cão que consome raivas. E o Ricardão? Esse: uma pesadureza na cara toda, mas, quando esbarrou de cochilar, aqueles olhos grossos, rebolando que nem apostemados, sem bom preceito.[19]

Observe-se que no confronto entre, de um lado, Zé Bebelo, que, como vimos, é o delegado do princípio centralizador, e, de outro lado,

[19] *Ibid.*, p. 267.

Joca Ramiro, chefe supremo da aliança oligárquica, portanto delegado do princípio do poder local, ambos em parte perderam e em parte ganharam. O resultado não poderia ser decisivo. A vitória cabal de Joca Ramiro deveria culminar com o justiçamento de Zé Bebelo, conforme a prática consuetudinária. Comportando-se civilizadamente, Joca Ramiro mostrou fraqueza no entender de alguns de seus aliados, como Hermógenes e Ricardão, desrespeitando as alianças anteriormente assumidas, violando o velho código de honra dos jagunços. Em compensação, ao ser obrigado a retirar-se, contente por não ter perdido a vida, o princípio de centralização encarnado em Zé Bebelo sai derrotado, a modernidade cedendo ao arcaico. Com o banimento de Zé Bebelo, não há mais adversário e a guerra acabou. Pelo menos, é o que parece, para júbilo geral: "A gente estava desagasalhados na alegria, feito meninos".[20] Entretanto, como se verá, o desengano logo sobreviria, consoante o aviso do protagonista: "Como é que eu ia poder ter pressentimento das coisas terríveis que vieram depois, conforme o senhor vai ver, que já lhe conto?".[21]

A GUERRA ACABOU?

A guerra, se acabada, acarretaria o fim da narrativa, deixando muitas interrogações no ar. No entanto, o que ocorre daí em diante parece armado pelos laços da necessidade: um acontecimento acarreta outro, inexorável como a tragédia. Hermógenes e Ricardão, chefes importantes e lugar-tenentes de Joca Ramiro, portanto em escalão imediato ao do comandante supremo, discordaram à socapa da decisão tomada enquanto fingiam assentir, embora sob a suspeita de Diadorim e Riobaldo. Os dois lugar-tenentes tomam a iniciativa de abrir uma dissidência, que

---

[20] *Ibid.*, p. 268.
[21] *Ibid.*, p. 270.

tem seu ponto de partida no assassinato de Joca Ramiro. Nova guerra se iniciará, com a cizânia escavando uma fissura num bloco de alianças anteriormente coeso, e jogando aliado contra aliado.

Riobaldo, Diadorim e seus companheiros se deixavam submergir numa pasmaceira de paz, quando num nefasto dia se abate sobre eles a notícia de que Joca Ramiro fora assassinado. E por quem? Por Hermógenes. De tocaia, num tiroteio em que outros leais jagunços tinham igualmente tombado. A emboscada resultara de um conluio entre Hermógenes e Ricardão, como Riobaldo desconfiara e temera.

A guerra acabou?... E recomeçou. O código de honra da jagunçagem exige a vendeta. Toca-se a rebate, emissários são enviados para novamente refazer a aliança dos chefes com seus bandos – exceto os traidores –, agora convocados para a retaliação. Medeiro Vaz tem o comando geral. Hermógenes, Ricardão e seus apaniguados serão doravante alcunhados coletivamente de *os judas*.

Na hora em que chegara a notícia, Diadorim desmaiara. Riobaldo se precipita para desapertar o colete de couro que o amigo invariavelmente portava, mas é repelido. Com ciúmes do apego de Diadorim a Joca Ramiro, a quem reservava as palavras mais superlativas, agora indaga se haveria de permeio laços de parentesco, recebendo uma confirmação vaga. Só mais adiante Diadorim confidenciaria que o chefe dos chefes era seu pai.

Riobaldo fica pensando que é por artes do Diabo, aliado e alter-ego de Hermógenes, que tantos reveses bélicos vão acontecendo. Como se não bastasse, entrementes morreria Medeiro Vaz, de doença, deixando os homens sem comando e desnorteados.

O PACTO

É nesse ponto que, numa reviravolta da intriga, irrompe Zé Bebelo, acompanhado por apenas cinco homens. Voltava do exílio para...

vingar Joca [illegible]
código ser[illegible]
com a hab[illegible]
bando e. [illegible]
antecessor[illegible]

Não se [illegible]
Bebelo, [illegible]
incapaz [illegible]
à vitória. [illegible]
tinha fei[illegible]
se invul[illegible]
pactário, [illegible]

vo de ac[illegible]
e cavila[illegible]
Mortas p[illegible]
potência[illegible]
brados p[illegible]
rece, mas [illegible]

[22] *Ibid.*, p. 5[illegible]
[23] *Ibid.*, p. 3[illegible]

vingar Joca Ramiro!, a quem devia a vida: uma dívida de honra, que o código sertanejo tornava imperativa. Apresenta seu punhado de bravos com a habitual retórica ("Este cá é meus exércitos"),[22] assume a chefia do bando e, num de seus rompantes, exclama ter adotado o nome de seus antecessores, passando a se chamar *Zé Bebelo Vaz Ramiro*.

A errância recomeça, e parece mais sem sentido que nunca. Não se topa o inimigo, parece que todos perderam o prumo. Mesmo Zé Bebelo, reputado por sua argúcia e arsenal de táticas, dessa vez se mostra incapaz de tomar uma iniciativa, eletrizando os demais, liderando-os rumo à vitória. É então que Riobaldo, tendo ouvido há tempos que Hermógenes tinha feito pacto com o Diabo para obter o corpo fechado, isto é, tornar-se invulnerável a qualquer ferimento, decide que, para confrontar um pactário, só outro pactário.

Daí a fazer ele mesmo um pacto com o Diabo, com o objetivo de acabar com o Hermógenes, o caminho não é longo. Após dúvidas e cavilações, como é característico da personagem, dirige-se às Veredas-Mortas para passar a noite, uma noite de vigília e de comunhão com as potências das trevas, conjurando a aparição do Diabo. Invocando-o aos brados por outros de seus nomes – Lúcifer, Satanás –, nem assim ele aparece, mas Riobaldo sentiu que tinha sido possuído por algo insólito:

> E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas. Arquei o puxo do poder meu, naquele átimo.[23]

---

[22] *Ibid.*, p. 86.

[23] *Ibid.*, p. 398.

Antes notado por seu retraimento, votado às incertezas, incapaz de comandar, começa a parecer outro. O novo Riobaldo terminará por tomar o poder, apeando Zé Bebelo e ocupando sua posição, com o apoio de todos e inclusive do chefe deposto:

> – "A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo... Ao que vale!..." – ele dissezinho fortemente, mesmo mudado em festivo, gloriando um fervor. Mas eu temi que ele chorasse. Antes, em rosto de homem e de jagunço, eu nunca tinha avistado tantas tristezas.[24]

A perda é do protagonista também, que devotava amizade e respeito a Zé Bebelo, e já sente falta de sua presença:

> [...] e agora eu estava quase triste, com pena de ver que ele ia s'embora. O divertido havia de ser, sim isso, de levar Zé Bebelo comigo, de sotenente, através desse através. Ah, homem como aquele, não se matava. Homem como aquele, pouco obedecia.[25]

O pacto, ao mesmo tempo o mito de Fausto na literatura européia e crença corrente no sertão, onde é atribuído a todos os cangaceiros renomados, mais uma vez funde a tradição erudita com a vertente popular.

Chefe, e sem ninguém para contestá-lo, Riobaldo, certo de que está possuído pelo demônio, põe o pé na estrada e dá vazão a todo tipo de arbitrariedade ou impulso malsão: "Agora, o tempo de todas as doideiras estava bicho livre para principiar".[26]

Do lado de lá do Liso do Sussuarão, em terras da Bahia, ficava a fazenda de Hermógenes, que os homens de Riobaldo assaltam, matando tudo com que deparam, gente ou animais de criação. Por fim,

---

[24] *Ibid.*, p. 412.
[25] *Ibid.*, p. 413.
[26] *Ibidem.*

ateiam fogo à sede. Só salvam a dona da casa, levando-a como refém: assim Hermógenes seria obrigado a vir ao encontro deles, para resgatar a esposa e a honra ferida.

O Diabo na rua, no meio do redemunho

Depois de vaguear por um bom tempo e por um vasto território, o bando acaba topando com os judas num lugar chamado Tamanduá-tão, onde se dá uma verdadeira batalha campal. São os primeiros a avistar o inimigo, que vem a seu encontro sem nada desconfiar. Riobaldo divide suas forças em esquadrões. Um deles logo toma a dianteira para escorar a vanguarda dos judas, que vem avançada para fazer o reconhecimento. Dali, a batalha se alastra, e outro esquadrão, como combinado, numa manobra de envolvimento, ataca o grosso das falanges adversárias por trás. Os homens de Riobaldo fazem um estrago e vencem em toda a linha. Nem perdem tempo em perseguir os que fogem. Mas de repente reconhecem Ricardão, que salta do cavalo baleado e se refugia numa tapera. Interpelado para que saísse, ele se rende, mas Riobaldo, vendo Diadorim puxar a faca e investir com fúria, dispara, matando-o. Liqüidado Ricardão, indagam por Hermógenes e inteiram-se de que chefiava outro contingente, não muito distante.

Partem para o rumo indicado, onde existia um povoado por nome Paredão, que mal passava de um arruado, a essa altura se esvaziando, pois os moradores, cientes da batalha, mais queriam se esconder no mato. Para lá se dirigem os homens de Riobaldo e se entrincheiram, preparando-se para a refrega que se aproxima. A mulher de Hermógenes, a isca, é trancada no quarto de um sobrado, com guarda ao pé. Dispõem-se sentinelas em vários pontos, enquanto o grosso da jagunçada fica por fora, emboscando os caminhos. A armadilha está pronta para o Hermógenes.

Riobaldo pressente que o fim daquela vida de trabalhos e andanças já assoma à vista, pois ele mesmo está fatigado e desejando paz. Só não tinha adivinhado o preço que iria pagar. Concentra sua força de vontade em obter a vitória final, e fica esperando, com Diadorim ao lado. Assim decorre mais uma noite.

De manhã, ouvem-se tiros. É o inimigo que avança com força total, de um rumo inesperado, e os pega de surpresa. Riobaldo quase perde a cabeça, pois a estratégia que preparara com tanto cuidado não está funcionando.

Diadorim, tentando proteger o amigo do grosso da refrega, sugere que seria mais eficaz fazer mira do alto. Concordando, Riobaldo esgueira-se por trás das casas, atravessando os quintais, escondendo-se do adversário, até atingir o andar de cima do sobrado, de cuja janela fica atirando e de onde se patenteia uma visão de conjunto da contenda. No posto escolhido, é acometido por uma forte dor de cabeça – da sede, pensa. Em meio à fuzilaria, expõe-se e não se resguarda, mas as balas passam zunindo e caem no chão, sem que ele sofra sequer um raspão. Ao continuar incólume, infere que seu corpo está mesmo fechado, em decorrência do pacto com o Diabo.

De um instante para outro, a batalha muda de figura quando uma parte dos adversários vem pela retaguarda e surpreende os homens de Riobaldo, numa das pontas do arruado. Mas, daí a pouco, é um pelotão de aliados que faz a mesma manobra, surgindo no outro extremo e cercando por trás os judas. Nesse momento, Riobaldo entrevê a vitória, sente grande prazer na guerra e conhece a inteireza da coragem: tinha o mundo na mão, num apogeu a que jamais chegara. E é bem aí que ouve um riso, que parecia vir de dentro de si. Desconfia do que se trata e se dispõe a interpelar o Diabo pelo nome: "... *Satanão! Sujo!*... e dele disse somentes – *S... Sertão... Sertão...*",[27] confundindo-se e sem obter resposta.

---

[27] *Ibid.*, p. 556.

Quando a fuzilaria, que durara horas, dá sinais de esmorecer, Riobaldo percebe que a batalha mudou mais uma vez, transformando-se em combate singular, não mais a tiro porém a arma branca. Os dois bandos avançam um para o outro a partir dos extremos da única rua, praticamente a seus pés, da posição privilegiada a que ele continua aferrado, à janela do segundo andar do sobrado.

Avista, no fim da rua, Diadorim com o punhal na mão, avançando na corrida para cima de Hermógenes, para justiçá-lo pessoalmente, vingando seu pai. Os dois se atracam, rodopiam levantando poeira, e repetidas vezes se golpeiam mutuamente, retalhando-se, até que Diadorim sangra Hermógenes, cravando seu punhal no pescoço dele e desaparecendo da vista. É só então, nesse passo da narrativa, que o leitor entende o significado da frase "o diabo na rua, no meio do redemunho", tantas vezes enunciada sem explicações, embora tenha sua relevância enfatizada desde a epígrafe do livro. Entretanto, em outras passagens da narrativa a frase fora usada como exemplo do embate cósmico entre Deus e o Diabo, sendo que este último pode surgir onde menos se espera, inclusive, como é crença no sertão, viajando dentro de um redemoinho.

Riobaldo a tudo assiste, acometido de paralisia, sem conseguir atirar e sem poder intervir, e termina por perder os sentidos, achando que está possuído pelo Diabo. Quando volta a si, seus jagunços estão transportando os mortos do bando e, a pedido da mulher do Hermógenes – a qual, só aí ficamos sabendo, odiava o marido –, trazem Diadorim para amortalhar o corpo todo esfaqueado. Esse é o ponto em que, despidas as roupas, se revela que Diadorim era mulher. Por isso usava colete apertado, por isso se banhava sozinha no escuro, por isso tinha um nome de guerra e outro em segredo.

Artimanhas do Diabo, cumprindo o trato da maneira mais prejudicial para o pactário. Riobaldo vendeu a alma e teve o corpo fechado para atingir o objetivo único e nuclear de sua vida – como acreditava então, antes de ter os olhos abertos pela perda de Diadorim –, que era liqüidar o Hermógenes. O Diabo usou Diadorim como instrumento

e sua morte como resultado. Ou seja, o preço pago foi demasiado alto, e certamente não valeu a pena.

Após o sepultamento dos tombados na luta, Riobaldo, consumindo-se, sem saúde, sem querer, sem projeto, considerando sua vida terminada, abandona definitivamente a jagunçagem e parte a cavalo, mais uma vez vagabundeando pelo sertão. Vai procurar as Veredas-Mortas, onde seu destino foi travado através do pacto; mas não as encontra. Cai doente, muito doente, e oscila por um bom tempo entre a vida e a morte. Quando sara, reencontra Otacília, com quem se casa. Reencontra até – quem diria – Zé Bebelo, que desistiu de ser guerreiro e deputado, e que agora é, mais modestamente, comerciante. E é Zé Bebelo quem atina com encaminhá-lo ao compadre Quelemém, que lhe dará assistência, ouvindo-o como que em confissão, confortando-o, sem julgá-lo.

Assim a história chega ao fim, encerrando-se na situação inicial em que conhecemos o protagonista como um velho apaziguado, que fora jagunço e chefe de jagunços, prestes a contar a história de sua vida a um Interlocutor cheio de empatia, que ali arribou de jipe vindo da cidade, usa óculos, é doutor, e fica instigando a narração, da qual toma notas numa caderneta. Esse Riobaldo que passou por tantas metamorfoses e foi diferentes personagens: bastardo pobre, quando encontrou o Menino; agregado de seu padrinho Selorico Mendes; professor e secretário de Zé Bebelo; jagunço de Joca Ramiro; lugar-tenente de Zé Bebelo; pactário e chefe de jagunços. E pela excelência do tiro, alcunhado sucessivamente de Cerzidor, Tatarana e chefe Urutu-Branco. Em toda a trajetória, a seu lado, Diadorim, farol e penhor de sua vida.

A palavra *travessia* – travessia do rio São Francisco, travessia do Liso do Sussuarão, travessia do sertão –, empregada amiúde na narrativa, encapsula metaforicamente o sentido existencial do processo de mudança, que os percalços de uma vida implicam. Nesse percurso, o protagonista visou a algumas coisas e obteve outras, a um preço altíssimo, que o fez abdicar e se retirar para uma vida pacata, guardando as inquietações mas dando por findas as aventuras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Personae : grandes personagens da literatura brasileira / Lourenço Dantas Mota, Benjamin Abdala Junior organizadores . – São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2001.

ISBN 85-7359-224-9

1. Escritores brasileiros – Crítica e interpretação 2. Literatura brasileira – História e crítica 3. Personagens e tipos na literatura I. Mota, Lourenço Dantas. II. Abdala Junior, Benjamin.

01-4758 CDD-869.90927

Índices para catálogo sistemático:

1. Personagens : Literatura brasileira : História e crítica 869.90927

SUMÁRIO

Nota do editor 7

Apresentação 9
Lourenço Dantas Mota/Benjamin Abdala Junior

Iracema, o coração indômito de Pindorama 13
Silviano Santiago

Narrar para não morrer: *Memórias póstumas de Brás Cubas* 35
Marli Fantini Scarpelli

Capitu, a moça dos olhos de água 69
Domício Proença Filho

Policarpo Quaresma: triste fim, gloriosa permanência 101
Moacyr Scliar

Emília, a boneca atrevida 119
Marisa Lajolo

Macunaíma, filho da luz 139
Eneida Maria de Souza

O pio da coruja e as cercas de Paulo Honório 163
Benjamin Abdala Junior

Augusto Matraga, a salvação pelo porrete 195
Renato Janine Ribeiro
Capitão Rodrigo Cambará 209
Luiz Antonio de Assis Brasil
Riobaldo, o homem das metamorfoses 237
Walnice Nogueira Galvão
Dona Flor e o triângulo culinário e amoroso 265
Affonso Romano de Sant'Anna
Macabéa e as mil pontas de uma estrela 285
Nádia Battella Gotlib
Sobre os autores 319